

A assombração da Casa da Colina

SHIRLEY JACKSON

A assombração da Casa da Colina

TRADUÇÃO
Débora Landsberg

ALFAGUARA


Copyright © 1959 by Shirley Jackson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Haunting of Hill House

Capa

Elisa von Randow

Imagen de capa

Edge of the World, de Will Barnet, 1973-80. Óleo sobre tela, 147,3 x 147,3 cm

© Estate of Will Barnet / AUTVIS, Brasil, 2021

Reprodução: © Will Barnet Foundation, cortesia de Alexandre Gallery, Nova York

Preparação

Julia Passos

Revisão

Adriana Bairrada

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jackson, Shirley, 1916-1965

A assombração da casa da colina / Shirley Jackson ;
tradução Débora Landsberg. — 1^a ed. — Rio de Janeiro :
Alfaguara, 2021.

Título original: The Haunting of Hill House.

ISBN 978-85-5652-114-9

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana
1. Título.

21-56563

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

Para Leonard Brown

1

Nenhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade sob condições de realidade absoluta; até cotovias e gafanhotos, supõem alguns, sonham. A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes, aprisionando as trevas em seu interior; estava desse jeito havia oitenta anos e talvez continuasse por mais oitenta. Lá dentro, paredes continuavam de pé, tijolos se juntavam com perfeição, assoalhos estavam firmes e portas estavam sensatamente fechadas; o silêncio se escorava com equilíbrio na madeira e nas pedras da Casa da Colina, e o que entrasse ali, entrava sozinho.

O dr. John Montague era doutor em filosofia; havia se formado em antropologia, com a estranha sensação de que nessa área talvez se aproximasse mais de sua verdadeira vocação, a análise de manifestações sobrenaturais. Era cuidadoso quanto ao uso de seu título porque, com suas pesquisas sendo tão completamente não científicas, esperava emprestar-lhes um ar de respeitabilidade, até mesmo de autoridade acadêmica, com sua formação. Havia lhe sido bastante custoso, em termos de dinheiro e orgulho, já que não era um pedinte, alugar a Casa da Colina por três meses, mas esperava ser totalmente recompensado pelo esforço através da sensação que se seguiria à publicação de sua obra definitiva sobre as causas e consequências de transtornos psíquicos em uma casa conhecida como “assombrada”. Vinha procurando uma casa de fato assombrada a vida inteira. Ao ficar sabendo da Casa da Colina, a princípio ficou desconfiado, depois esperançoso, depois incansável; não seria de seu feitio abandonar a Casa da Colina após encontrá-la.

As intenções do dr. Montague em relação à Casa da Colina se originavam nos métodos dos corajosos caça-fantasmas do século XIX; ele iria morar na Casa da Colina e ver o que acontecia ali. Sua intenção era, primeiro, seguir o exemplo da senhora anônima que

foi se hospedar na Mansão Ballechin e deu uma festa para céticos e crédulos que durou todo o verão, com jogo de croqué e observação de fantasmas como as atrações principais, mas hoje em dia é mais difícil achar céticos, crédulos e bons jogadores de croqué; o dr. Montague foi obrigado a contratar assistentes. Talvez o estilo vagaroso da vida vitoriana se prestasse mais aos artifícios da investigação mediúnica, ou talvez o registro meticoloso de fenômenos como meio de determinar sua veracidade tenha em grande medida se extinguido; de qualquer modo, o dr. Montague precisou não só雇用 assistentes como procurá-los.

Como se considerava cuidadoso e íntegro, passou um bom tempo procurando assistentes. Esquadrinhou os registros das sociedades mediúnicas, os arquivos de jornais sensacionalistas, os relatórios de parapsicólogos, e juntou uma lista de pessoas que tinham, de uma forma ou de outra, em um momento ou outro, por mais breve ou dúvida que tivesse sido, participado de acontecimentos anormais. De sua lista eliminou primeiro os nomes de quem estava morto. Depois de riscar os nomes daqueles que lhe pareciam buscar publicidade, de inteligência abaixo do normal ou inadequados devido à clara tendência a assumir o centro das atenções, ficou com uma lista de cerca de uma dezena de nomes. Cada um deles, então, recebeu uma carta do dr. Montague os convidando para passarem todo ou parte do verão em uma confortável casa de campo, antiga, porém perfeitamente dotada de tubulação, eletricidade, aquecimento central e colchões limpos. O objetivo da estadia, as cartas declaravam sem rodeios, era observar e explorar as várias histórias desagradáveis que circulavam sobre a casa durante boa parte dos oitenta anos de sua existência. As cartas do dr. Montague não diziam com clareza que a Casa da Colina era assombrada, já que o dr. Montague era um homem da ciência e, até que testemunhasse de fato uma manifestação paranormal na Casa da Colina, não confiaria tanto assim na própria sorte. Dessa forma, suas cartas tinham certa dignidade ambígua, calculada para captar a imaginação de um tipo de leitor muito especial. Para suas cartas, o dr. Montague recebeu quatro respostas, enquanto os outros cerca de oito candidatos supostamente haviam se mudado sem deixar um endereço para o qual remeter a correspondência, ou provavelmente haviam

perdido o interesse pelo sobrenatural, ou até, talvez, jamais tivessem existido. Aos quatro que responderam, o dr. Montague escreveu de novo, definindo uma data específica em que a casa seria oficialmente considerada pronta para ser ocupada, e anexando instruções detalhadas para chegarem nela, visto que, conforme era obrigado a explicar, era muito difícil descobrir informações sobre como achar a casa, sobretudo na comunidade rural que a rodeava. No dia anterior à sua partida rumo à Casa da Colina, o dr. Montague foi convencido a incluir dentre suas companhias seletas um representante da família dona da casa, e um telegrama chegou de um de seus candidatos, recuando com uma desculpa nitidamente inventada. Um outro nunca apareceu nem escreveu, talvez devido à interferência de algum problema pessoal urgente. Os outros dois apareceram.

2

Eleanor Vance tinha trinta e dois anos quando foi à Casa da Colina. A única pessoa do mundo que odiava de verdade, agora que a mãe havia falecido, era a irmã. Desgostava do cunhado e da sobrinha de cinco anos e não tinha amigos. Isso se devia em grande parte aos onze anos que passara cuidando da mãe inválida, que a deixara com certa competência como enfermeira e a incapacidade de encarar o sol forte sem piscar. Não conseguia se lembrar de nenhum momento de felicidade genuína em sua vida adulta; os anos com a mãe haviam sido erigidos com zelo em torno de pequenas culpas e pequenas repreensões, cansaço constante e desespero interminável. Sem nunca querer se tornar reservada ou tímida, havia passado tanto tempo sozinha, sem ninguém para amar, que era complicado para ela falar, até mesmo casualmente, com outra pessoa sem acanhamento e uma incapacidade desastrada de achar palavras. Seu nome havia aparecido na lista do dr. Montague porque um dia, quando ela tinha doze anos e a irmã dezoitão, e não fazia nem um mês que o pai delas havia morrido, cascatas de pedras caíram na casa delas, sem nenhum aviso prévio ou sinal de propósito ou razão, caindo dos tetos, rolando sonoramente paredes abaixo, quebrando janelas e criando um batuque enlouquecedor no

telhado. As pedras continuaram de modo intermitente por três dias, durante os quais Eleanor e a irmã se irritaram menos com as pedras do que com os vizinhos e turistas que se reuniam todos os dias diante da porta da frente, e da insistência cega, histérica da mãe de que tudo aquilo se devia às pessoas maliciosas e maledicentes do quarteirão que guardavam rancor dela desde que fora para lá. Depois de três dias, Eleanor e a irmã foram levadas para a casa de uma amiga, e as pedras pararam de cair e nunca voltaram, embora Eleanor e a irmã e a mãe tivessem voltado a morar na casa, e a rixa com a vizinhança inteira nunca tivesse terminado. A história foi esquecida por todo mundo exceto as pessoas que o dr. Montague havia consultado; sem sombra de dúvida foi esquecida por Eleanor e a irmã, cada uma tendo imaginado na época que a outra era a responsável.

Por todo o lado oculto de sua vida, desde que se entendia por gente, Eleanor vinha esperando por algo como a Casa da Colina. Cuidando da mãe, carregando uma senhora irritada da cadeira para a cama, arrumando bandejinhas de sopa e mingau de aveia, reunindo coragem para enfrentar a roupa imunda, Eleanor se agarrara à crença de que um dia algo aconteceria. Aceitara o convite para a Casa da Colina por meio de carta ao remetente em envelope selado, apesar de o cunhado ter insistido em ligar para umas pessoas e verificar se o tal do doutor não estava querendo apresentar Eleanor a ritos selvagens não desconectados de assuntos que a irmã de Eleanor julgava impróprios que uma moça solteira conhecesse. Talvez, a irmã de Eleanor sussurrou na privacidade do quarto conjugal, talvez o dr. Montague... se é que este *era* realmente o nome dele, afinal de contas... talvez esse tal de dr. Montague *usasse* as mulheres para alguns... bom... experimentos. Você sabe do que eu estou falando... experimentos, como eles fazem. A irmã de Eleanor se apoiava fartamente nos experimentos que ouvira dizer que tais doutores faziam. Eleanor não tinha essas ideias, ou, tendo-as, não sentia medo. Eleanor, em suma, teria ido para qualquer lugar.

Theodora — esse era o máximo de nome que usava; assinava seus desenhos como “Theo” e na porta de seu apartamento e na vitrine de sua loja e na lista telefônica e no material de escritório pálido e no